

N.1

# ARCO & FLEXA

Bahia - Nov. - 1928

*Carta*

2

# ARCO & FLEXA

Mensario de Cultura Moderna

Pinto de Aguiar

Helio Simões

Carvalho Filho

Ramayana De Chevalier

Jonathas Milhomens

De Cavalcanti Freitas

José Queiroz Junior

Eurico Alves

Damasceno Filho

:

---

Endereço

—e—

Direção:

RUA

Santo Antonio

104

---

ARTES

☐

SCIENCIAS

☐

LETRAS

☐

CRITICA

---

1\$2

---

ARCO & FLEXA

00

# Tradicionismo dinamico

## Cultura universalista

Não ha povos sem tradição. O proprio sentido de viver é uma tradição. Se viver é continuar, é permanecer, é transmitir, na tradição se circumscreve a vida. A vida nacional de cada povo na vida universal de cada epoca. Quanto a nós, não sei como desconhecer uma tradição, uma vida, uma continuidade. Belas, ou feias, boas, ou más, tristes, ou alegres, as origens da nossa tradição, resultante somatica de tres raças unidas no momento em que cresciam para o desejo de immortalidade, não ha que repudiá-las em nome de outras probabilidades de beleza, que podem existir, como existem, para outros povos, mas, para nós, não têm prestimo, porque contrarias ás leis do nosso desenvolvimento na historia. Sente-se que a resistencia ás invasões da cultura, nas suas varias modalidades, é um feitiço de nosso genio, radicalmente misoneista. É um erro das élites do passado, que nos herdaram, por interesses circumstanciaes da conservação de prestigios unicos, esses preconceitos contra as idéas novas, geraes, estranhas. Mas a tradição que no caso se terá de sacrificar, é a tradição da vassalagem a um só criterio de cultura. A cultura dos senhores em desar da moral dos escravos. A cultura prepotente, conservadora, estatica, de cuja inercia se fundasse o continuo predominio dos que possuíam o mando, o saber, a força. Essa, provado o fruto redentor da independencia, desapareceu com as aquisições da cultura moderna, periodo efervecente da liberdade dos espiritos, epoca victoriosa da critica, assinaladora, de facto, dos nossos primeiros surtos valedores, como pensamento, como arte, como sciencia.

Foi Tobias Barreto que rompeu contra os dados classicos da cultura brasileira, e abriu-lhe o caminho ás generalidades da cultura européa. Já não bastava a importação portugueza, a espanhola, a francêsa, a italiana, a inglêsa, era preciso a alemã. E nem por isso se estinguira o espirito tradicionista, que até hoje se manifesta e vae, dia a dia, cada vez mais, se acentuando. Creio, com Maurice Barrés, que o universalismo da cultura não prejudica o sentido imanente da tradição regional. Antes o tonifica e melhormente o afirma. A questão é que não o percamos de vista, nem deixemos de o conciliar nas nossas

menores ações de homens emancipados. A cultura universalista refina a sensibilidade local. O homem americano é a tanga. O homem europeu é a mascara. Trocamos-las. Como era preciso trocá-las. Mas o verdadeiro americanismo permanece tanga, arco e flexa. E não mascara, florete e luva.. Impossível esconder o estado latente de duelo das raças. As da America têm mais unidade que as da Europa. A Europa é uma especie de India enorme, difícil de harmonizar-se, como diz Tagore, devido á multiplicidade de raças. Veja-se bem que as theorias pacifistas dos *selvagens* da America é que triunfam entre os civilizados da Europa. Ontem, Wilson. Hoje, Kellogg. Viva a nossa tanga, o nosso arco, a nossa flexa...

### Sem perder o contato da terra

Hoje todos os credos literarios, filosoficos, ou scientificos, de todos os povos do globo, são conhecidos, agitados, discutidos, entre nós. Temos intelligencias de todos os moldes, em todos os ramos do conhecimento. Os mais recentes descobrimentos do espirito humano são, entre nós, vulgarizados, repetidos, analisados. Há uma democratização generalizada do saber. O talento deixou de ser aristocratico. As academias são abertas a todas as aspirações. Esse deslumbramento, porém, leva ao delirio da imitação, não como meio de cultura, sem prejuizo das qualidades nativas, mas como presunção de substituir até a copia servil o valor dos modelos. A sciencia incha. E vem dessa vaidade o erro collectivo de despaisamento. Não nos limitamos a imitar o presente da Europa. Queremos a morte do passado da America. Não nos cinjimos a selecionar as tradições. Queremos o repudio de todas. E' a desradicação da raça. E' a descaracterização brasileira. E' o aniquilamento de quatro seculos de esforço. E' a morte do Brasil. A tanga nos envergonha. E aivelamos a mascara. O arco e a flexa nos apequenam. E ostentamos o florete e a luva. Simulação. Hipocrisia. Falsidade.

### Tradição, tradições

A tecla de que não temos uma literatura, pode ser legitima. Aceitemo-la. Mas nesse mesmo estado vivem os povos nossos vizinhos. Tambem forcejam por uma literatura. A diferença, porem, que nos humilha, que nos degrada, que nos deprime, que nos roja, é que, entre elles, formilha o veio secreto da tradição, enquanto, entre nós, ha o esforço de o desviar, senão apagar, sob as patas brutaes das modernidades flamantes. O espirito brasileiro, com o iluminar-se

das culturas varias do mundo, parece tem a volupia do brilho efemero. Florece, como as luzes vadias das serras, sem persistencia no clarão, nem continuidade no vôo.

Ha uma palpação trepidante de asas que rompem felizes, claras, altaneiras, e logo se abatem flebeis, languidas, dormentes. Os nossos talentos, para não gongorizar no termo facil de genio, não duram no scenario, ou das sciencias, ou das artes, ou das letras. Faiscam. Fuzilam. Fosforecem. Fincam um marco notavel em qualquer materia, numa obra qualquer, e repoisam amadurados precocemente á sombra desse primeiro louro adquirido, quando não arrastam pela sombra eterna da promessa esses valores ineditos e presumidos pelo reiterado do reclamo, do qual, ás vezes, não passam nunca. Pirilampeios de flamas fugazes.

Estudos acurados, trabalhos de folego, não são para a mentalidade brasileira, positivamente, mais lirica e demagogica do que organizadora e construtiva. O futil é o que nos empolga, nos seduz, nos fascina, e ao mesmo tempo nos ilude, nos desfaz, nos entorpece. Não damos um passo alem do livro de estampas, da colectanea de anedotas, historietas, tafularias, e raro em raro, o romancelho a côres de chamariz, com variantes humoristicas pela critica mofina de compadrio, sem as grandes construções a Silvio Romero José de Alencar e Olavo Bilac. São passadistas, estes. E aqueles, futuristas. Ha, no entanto, alguns tipos, que mantêm o criterio tradicional do estudo das nossas coisas e dos nossos homens. Mas, receosos de que se não estiolem sob a pressão do ambiente que vae sendo invadido pelo escalracho immediatista e trepolicante, recolhem-se na obscuridade de seus prestimos.

A vida quotidiana no Brasil é mais tragica do que poderia parecer a Maeterlinck. Afoga o espirito. Asfixia o merito. Entangue o valor. Se algo é preciso fazer, em bem dessas vocações, que em outros países teriam amparo favoravel ao seu pleno desabrocho, é arrancar-lhes das mãos essas flores de papel, que agitam nos torneios da intelligencia, e chamar-lhes a atenção para as flores da sinceridade que vivem das raizes que ficam tentaculos no humus da terra mater. A arvore pode ser bela com o donaire desse artificialismo das corolas de emprestimo. Mas o perfume natural tem mais saude, se não tem mais beleza. E dahí, quem sabe, a nossa beleza não será, apenas, esta, quero dizer, a da tradição nativa, unica, subterranea, como substrato do solo e da raça. Não nos percamos em abstrações sociologicas, tão do gosto parlapatão de certos propugnadores de uma illusoria confraternidade continental. Já vimos que nesse terreno não passamos do A. B. C. das aproximações sulamericanas. Os nossos *chiffons de papier* rasgar-se-ão mais depressa do que os de Bethmann Hollweg.

Mas que ainda possamos realizar, se não um panamericanismo, ao menos, um mundonovismo, que se caracterizaria nas nossas literaturas, já, em parte, nas de corte espano-americano, realizado, pela continuidade da tradição dnamica, bem claro,   factu irrecusavel. Esse dinamismo da tradição não   uma fantasia. Basta considerar o fremito das impulses hereditarias que se nulificam ou aprimoram de parceria com os acidentes da evolução dos tipos, do ponto de vista individual, como do social, formando cadeias de raa, para atender que ha tradies que devem cair como escorias nos atritos da vida organica, e tradies que devem continuar como elementos de consolidação maior da unidade total. Umas são estaticas, retrogradadas, paradas. Não vingam mais. Outras são dinamicas, vivas, liberrimas. Valem sempre. Tradies estaticas, as tendencias misonicistas. Insustentaveis, hoje. Tradies dinamicas, as tendencias modernistas, as unicas dignas de f . Distingamo-las. Sem lhes perder o estimulo exacto de actuação constante. O paradisimo pode sofrer a transformação do movimentismo.   o aproveitamento da energia hereditaria do passado no melhor das suas caracteristicas. Não fazem outra coisa as geraes novas do Uruguai, quando erigem monumentos ao seu Gaucho. Nem por outros motivos veneram os mexicanos os seus aztecas, a ponto de lhes semear as efigies de bronze pelas terras do Brasil. Os Estados Unidos não cessam de fundar, crear, estabelecer institutos indianistas. Toda a America procura a si mesma. Mas ns repelimos os nossos monumentos de raa. Envergonhamo-nos da tanga, do arco e da flexa, porque nos fascinam a mascara, o florete e a luva...

### Contra o primitivismo

O que se não pode compreender   essa volta ao primitivismo integral, sem o respeito   tradição adquirida. Não somos mais os tres selvagens dos tres continentes, que nos degladiamos, por essas selvas a dentro, entre os sibilos de flexas, estouros de mosquetes e zunidos de massa. Dessas lutas, o espirito de intrepidez, a volupia da aventura, o arrojo da liberdade. Bem entendido o conceito de tradição, está visto, queremos o nexu de continuidade, sem o que não haveria tradição renovada, creadora, militante, nem teriamos coisa alguma. Situar o passado, no criterio de Alomar, não pode ser senão dissociá-lo nas suas correntes evolutivas, compreendidas nesse estatismo e nesse dinamismo da tradição, como termo geral do quanto se transmite do ontem, para o hoje, do hoje, para o amanhã. Essa dissoci o ha de ser praticada por seleção do melhor, que não compete aos exclusivismos individualistas, mas, ao proprio espirito colectivo sobre o qual ela age. E nem obedece ao rigor de um ponteiro de reloujo que lhe assinale a hora com musicas de pancadaria re-

formista. Esse primitivismo puramente cerebral dos intoxicados de Freud. Lévy-Bruhl, Blondel, e outros estudiosos da mentalidade rudimentar dos selvagens, —esse infantilismo de imitação dadaísta dos ledores dos tests de Claparède, Luquet, John Dewey, e outros pesquisadores da alma injenuamente linda das crianças, tanto nos podem caracterizar, como a qualquer dos povos primitivos, onde os encontrarmos. O que nos caracteriza é a vida de tropeços através da história, que já vivemos. Esse recuo, porém, não é inútil, até certo ponto. Denota a intuição do facto no tempo, que o veio transfigurar, sereno, tenaz, implacável. O facto essencial das nossas origens. Marque-se a nossa hora mental, todavia, pelo fuso universalista da cultura moderna. Mas sem forcejar na flexibilidade do mostrador, que pode dar com as horas em disparada louca. E esperemos essa hora magnífica em que nos venha um genio desfazer, ou refazer todas as nossas previsões, e firmar, como em todas as literaturas, os rumos decisivos do nosso destino...

## Arco - e - flexa

Antes, porém, sejamos arco-e-flexa, isto é: sejamos Brasil. O sentido essencial de Brasil. Em tudo. Desde as letras aprendidas na escola. Mas não ter não querer, não fazer escolas, em letras. Adotar uma orientação, que só não na possuem os imbecis desritmados. Orientação independente, livre, ampla. Sem patronos, sem amparos, sem subserviências. Disciplina, de que depende a força do arco de Ulysses. Harmonia, de que depende o argumento da flexa de Zenon. Não é o arco-e-flexa da Grecia inevitável. Mas a intenção sutil do tradicionalismo dinâmico brasileiro. Ulysses evolvido da catadura de um bororó. Ambos selvagens. E, ambos, atilados, argutos, indomitos. Zenon aperfeiçoado da testarudez de um tapuia. O arco e a flexa se permutam na ação e no verbo. Intensidade. Vibração. Rijeza.

Nunca primitivismos antropofágicos, nem dinamismos desembastados. Flexa nelles. Não queremos correr cruamente com o passado. Não devemos es traçar as raças do presente. Nada de violências, nem clangores. O senso da medida. O critério da seleção. O gosto do melhor. Arco-e-flexa tem a forma da *aurea proportio* de Zeising. Com o ser aparentemente o instrumento rude de defesa selvagem, não deixa de ter o merito de uma curvatura de beleza. E' simples. A mais simples das armas. A unica que se empluma, para voar. A unica que se enfeita, para ferir. A unica que se eleva, para abater. A unica, enfim, que pode traçar a parábola de um sonho, sem o auxilio das balísticas complicadas. As outras armas ultramodernas são realmente poderosas, multimodas, complexas. Um mundo de parafusos e cilindros, de calculos e miras. Faceis. Comodas. Portateis. Mas

voluveis, precarias, traiçoeiras. Arco-e-flexa é a visada nua de artificios. Nudez do golpe altivo. Directo como um raio de sol dos tropicos. Imenso como a curva da terra brasileira. Assim como pode veicular o veneno, pode inocular o perfume. Tem o virus das folhas e a resina dos troncos. Acera a ponta das pedras. Veste a pluma das aves. Arco-e-flexa, um simples titulo. Simples notação tradicionista. No melhor sentido de inquietação, brasilidade, juventude, Dinamismo controlado. Nem se concebe um arco-e-flexa, sem a ideia de um pulso que o reteza. Enfrechemos o nosso arco, sem alusões a Perí. Não é o indianismo, ou neo-indianismo das classificações apressadas. Das atitudes o sentido profundo. O melhor sentido da vigilancia de Perí ao pé da amada immovel contra a audacia dos aventureiros. A terra dorme. Assinale a flexada certa a mão que lhe ousar atingir o colo. A terra é a «bela adormecida» dos bosques de Alencar. Os aventureiros continuam, em expedições, para o norte, para o sul, para o centro, mascarados de sciencia, que ha de planar nas asas dos aviões e estrugir pela boca das metralhadoras. Vão á cata de cidades mortas, especies, minerios, fibras, sucos, sôros e toxicos. Ganharemos nomes nos tratados. E ficaremos sem as nossas riquezas. Não importa, Os moços a querem despertar, para viver, lutar, progredir. Por si mesma. Arco-e-flexa é uma senha de indeperdencia, liberdade, autonomia. No gesto e no ritmo. No pensamento e na arte. No character e no coração. Memoria da patria verde, virgem, vibrante. Sem demogógia, nem ênfase. Sem artificialismo, nem retorica. Espontanea, natural, sincera. Arco de ceo, flexa de sol. Mais lindo que o ramo de café, mais verdadeiro que a folha de fumo, mais flexível que a espatula de cana. Não é todo o Brasil. Mas é um bocado de Brasil na simplicidade geometrica de um simbolo.

C A R L O S      C H I A C C H I O

ARCO & FLEXA

# de Pinto de Aguiar

## Água Turva

*Eu vi á luz da lampada,  
gelo, morango e agua  
no meu copo.*

*Dissolvia-se,  
diluiu-se  
em arabescos mil,  
teia de aranha, ou renda de fadas:*

*minha imaginação.*

*Florescia,  
e desta floração  
á sombra féril da talha colonial,  
nascia um cogumelo.*

*Filigranas ducteis de esmalte roseo.  
E o cogumelo já era alga.*

*Alga verde, alga verde, como a esperança.*

*Mas agora a alga é um vulcão:*

*minha alucinação*

que para o alto  
 manda,  
 rolos de fumaça, bocados de chama,  
 pedras de fogo.

*minha alucinação!*  
*minha alucinação!*

*E o cogumelo,  
 e as algas,  
 e o vulcão,  
 transformam-se em espiraes de fumo  
 para desfazer-se*

*em agua turva.*

*A vida . . .  
 visão rosea, qualquer cousa . . .  
 diluindo-se,  
 re florindo,  
 colorindo-se,  
 em filigranas ingenuas e facetadas:*

*Ilusões*

*que se perdem no tempo  
 deixando*

*AGUA TURVA*

## Minha Bahia

*Bahia,  
tuas baías:  
formas redondas de mocinha  
que desenha a franja verde-branca do mar.*

*Quando o luar se desenrola azul,  
como ondas,  
sobre ti,  
soluças com um violão,  
sorris a um poema,  
e silências mística  
olhando para o teu passado.*

*E de manhã,  
quando o sol empoeira de ouro  
flexas e cúpulas  
de tuas centenas de igrejas,  
tu te levantas Bahia,  
alegre,  
entusiasta,  
olhando para o Futuro.*

*Noite é Dia,  
Passado e Futuro,  
numa vida só, minha Bahia,  
tu és bella,  
na diluição de lazulite  
de tua natureza tropical,  
tu és rica,*

*no ouro de tua luz  
tu és feliz,  
no meu amor,  
no amôr de todos os bahianos,*

*Bahia, minha Bahia,  
linda mocinha  
de formas redondas,  
que a franja verde-branca do mar desenha.*



## *Estudio*

### N. I

Carlos acordara.

Manhã alegre: porque tudo nele era alegria, era felicidade.  
Levantou-se trauteando — Meu amôr...

Em tudo existia uma admiração muda. O triste, o sarcástico, o filosofo, o meditativo, amanheceu cantando!

Aquilo era estranho. Naquela casa onde tudo era luto de morte da Ilusão, anos ha, que se não ouvia qualquer cousa, senão a conversa poeirenta dos livros nas estantes, ou a canção monotona da pena no papel.

Tudo ali era silencio e tristeza.

Era a vida sem a carnalada do mundo.

O piano a um canto, alto, solene, na casaca preta do verniz, só se libertava desta opressão tétrica, para gritar bem alto o brado de dôr, ou a gargalhada sarcástica do seu dono.

Nesta manhã, porem, correm pela casa, espantadas, numa revoada de fuga aquelas sombras molengas da tristeza, perseguidas pelas asas trefegas da alegria.

Tumulto, Ressurreição, Fulgor.

Os velhos cristaes da Bohemia nas etagères, o macão vestusto, o sombrio jacarandá dos moveis d'arte, rompem a sombra em que viviam, e brilham na aleluia de um sol, que de látego em punho, enxota do templo da Alegria os ultimos vendilhões do Tedio.

## N. II

Ouve-se o pianno.

Arpejos suaves enchem o ar ainda pesado.

Wagner ? Chopin ?

Lindo. E' *Réve d'Amour*.

## N. III

A carneira preta da lombada dos livros, alegre-se em reflexos metalicos de um verde-garrafa. O douramento dos dorsos parece rir o riso ingenuo da alegria de Carlos.

E' que tudo á sua presença vive e vibra.

Tudo tem alma.

Esta alma grande de Carlos expande-se fóra da prisão estreita de seu corpo, e pairando acima da miseria humana, dá novo aspecto a estes seus amigos, que lhe ouvem as confissões e lhe sentem a caricia do trato.

Agora pois com ele tudo é alegre.

## N. IV

Carlos veste-se com esmero desconhecido a seus amigos; e só os mais velhos, seus companheiros de sonho, conhecem aquele cuidado no trajar.

E um deles, Bernardin de Saint Pierre, azul, conta a um Schopenhauer, enfarpelado numa encadernação amarelada, que outrora, quando a vida era ilusão, Carlos amara. Mas a Futilidade sob a vestimenta rica da Beleza, enganara-o. Não o compreendera. E, desde então, Carlos descurara-se desta vestimenta mentirosa e num sonho de idealidade permanente, só ama as transfigurações de Ariel.

Mas agora...

## N. V

O movimento quotidiano das ruas, essa alegria das multidões conquistadoras, que a tarde vem silenciar, na hora decisiva do crepusculo, para recomeçar, na manhã seguinte, o mesmo ideal de conquista, não o fez rir. Não o fez rir.

Uma alegria infantil de quem realiza um sonho, uma alegria comunicativa que o fazia segredar á natureza inteira a sua felicidade, invadira-o.

E ensimesmado nessa nevoa côr de rosa, ele vae devagar, devagar, sonambulicamente, atravessando caminhos abstractos, alheio ao estrepito da rude carnavalada social.



*de Carvalho Filho**Tarrafa*

Ensina-me em que vórtice de vaga,  
em que requebro da mareta mansa  
ondúla e dança o corpo arisco de Moema.

EUGENIO GOMES

A manhã,  
tarrafeira ideal de primores azues,  
num gesto largo de seus imensos braços impalpáveis,  
estendeu,  
sobre este mar que minlia vista alcança,  
a fria tarrafa hialina de um sol todo ouro  
que anda enchiendo o ar...

E eu me espelho no meu pensamento:

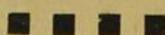
só essa tarrafa podia ir buscar,  
no fundo do mar,  
a côr da alma do coração da gente...

no amago dessa negra floresta submarina,  
a verdadeira nota humana, que por lá existe  
a desejar os frutos de ouro do sol que,  
de reflexo a reflexo,  
vae vibrar no bojo duma onda profunda...

a côr do sangue da alma da gente...

MOEMA!...

e trazê-la,  
 envolta das malhas sutis da tarrafa hialina,  
 ouro e espuma,  
 que a gente não sabia se era espuma, se ouro, ou se estrela,  
 para o extase racial da nossa dinamização...



## LENA

Aquele cantaro de barro que trazias, aconchegado aos seios, numa  
 voluptia, entre as serpentes de jaspe dos teus braços longos,  
 pelo esplendor da luz matinal que te aureolava,  
 aquele cantaro  
 encerrava o silencio e o perfume espirituaes du'a musica  
 de quietude estelar  
 para os meus olhos deslumbrados que pensavam em ti...

..franjas da loura claridade quieta por sobre o feiticeiro  
 da humildade sonora do teu sorrizo claro...

Pletoricos, os ramos verdes pendiam, num milagre, numa  
 festa pacifica de ciranda de ramarias mansas,  
 do azul forte do ceu que se abria  
 numa estrada loura de sol novo, para  
 a cadencia dos teus passos aromaes que iam musicalizando  
 o esplendor daquela tropical manhã luminosa  
 — o Domingo-de-Ramos da tua beleza e do meu amor...

Extrema-unção dos meus sentidos ante o crisma que encontrei  
 na muzica cheia de sol de setembro que teu perfume encerrava,  
 na plenitude daquele deslumbramento que era  
 uma ronda de um ceu de luz sobre  
 a maciez da tua carne de verbena...

... mansidão...

e ergo as mãos tremulas para o bucolico desse recanto  
da minha vida que me revelou, miraculозamente,  
a inocencia dos teus gestos de amor, que senti  
me ascenderem á bençam de luz do repouzo biblico da tua alma...  
... religiozamente...

...depois, a felicidade sonora do teu sorrizo moço,  
que é como as amendoeiras em flor, quando amanhece,  
dentro no fulvo claro do translucido da redoma  
de ouro tenue, de azul tenue  
do cristal flamivomo da manhã...

A libelula de sol que riscava a arrefecida flacidez da luz aberta  
e trazia as asas longas lantejouladas do polen iluminado  
do teu corpo, pouzou,  
num fremir nervozo das gamas transparentes da sua humidade,  
sobre a corola de sombra evocadora do meu pensamento!...

# TRIPTICO

## I

Ser pedra!...

Ter, na barbara architectura dos contórnos,  
dos contórnos acidentados do corpo minimo,  
humilimo,  
a celula menor,  
a mais esteril da espessura de granito da Terra,  
a certeza dezoladora, de exicio,

de que na rispidez do seu interior  
de bronze  
não ha vacuo para uma alma  
— clarão de sol confiado á guarda de carnes pelos deuses  
do sub-consciente...

Ser Pedra!

Ser inanimada  
dentro na beleza ambiente de um mundo  
de que é gama clara...

Sentir, pela rudeza das fôrmas,  
a caricia humana das cousas terrenas...

Dos crepusculos...

Dos longes...

E não ter alma para as sensações interiores...  
Sensações que são o afago,  
pelas fôrmas subjectivas,  
dos reflexos das cousas emotivas que se incendiaram, ao  
para o nosso olhar... [nosso olhar,

Ser Pedra!...

## I I

Ser Arvore!...

Ter, no amago,  
a consciencia pozitiva de sêr organico...

Sentir, pela trama vegetal das veias,  
 uns vagos de cadencia irrevelada  
 de vida animica,  
 amorfos, imprecisos, ao influxo da seiva  
 que emerge do extase panteístico  
 das raizes, profundas  
 no misterio desse licor de treva  
 do dinamico silencio geologico!...

Presentir, pelo  
 arfar quasi unanime dos ramos,  
 a vibratilidade de uma ambiencia deslumbradora  
 em fantastica e farta coloração aberta!...  
 Mas tudo velado pelo contorno exterior  
 das fórmias irreveladas!...

Presentir !...

O calor da latencia da vida ter carne  
 para esse contacto;  
 para o espasmo desse goso subjectivo vegetal;  
 e não ter olhos,  
 não ter braços,  
 não ter razão humana para um encantamento consciente de  
 |pronunciamento!...

### I I I

Ser Alma!...

Clarão branco de sol conjugado de todos os soes  
 cosmicos,  
 com o destino de entranhar-se e espargir-se,

mediumnica,  
na vibração da vida de fôrmas palpitantes  
de inconsciencia!...

Misto de halito magico de todas as primaveras  
que já se abriram sobre a terra, para  
a benção sobrenatural da paisagem interior  
de um sêr infecundo de emoção!...

Ser Alma!...

Tranzir-se, crispar-se toda a um golpe de luz  
exterior que vibrou no emotivo  
de verbos espiritualizados  
pelo seu contacto de vida inicial!...

Ajoelhar-se ante o sacrario rubro  
do coração,  
para a eucaristia dioniziaca  
du'a emoção!...

Dominar, recalcar para  
um baratro impossivel a concepção,  
esta noite imensa de treva enrodilhada a seus pés,  
cujá penumbra avassaladora tenta abrumar  
as ultimas insinuações de sua luz  
— a noite da sub-consciencia!...

Erguer os braços para  
o ceu, para  
as arvores, para  
as pedras, para  
o mistico humano do largo cenario do em torno,  
de leve velado pela transparencia de incenso

da neblina que é uma dança parada de nuances brancas,  
e,  
como se presentindo só,  
mortal,  
no centro,  
sob o peso dum ambiente tocado da presença nirvanica  
da Eternidade,  
não vê, na vida das carnes que ilumina, na beleza  
eugenica do corpo que vivifica, esse extase  
profundo de silencio e de concentração das cousas  
ante os espetaculos terrenos das transfigurações!...

## de Ramayana de Chevalier

*Quando se quer lutar*

Ao surgir pela primeira vez, tem-se sempre aquele receio justificado das gazelas ao tatearem ariscas os juncaes impervios.

A gente de «Arco e Flexa» é diferente dos outros: surge como o caboclo no alto das colinas, dominando as matas, com desenvoltura e até com elegancia...

A Bahia, unico estado do Brasil onde o sentimento de tradição é sincero, não podia fechar as palpebras ante esse movimento intenso de nacionalidade que agita o orbe.

O vanguardismo espanhol, com a durindana inquebrantavel que é o talento de Guillermo de Torre, o Guillermo que, para o mundo intelectual daltonico, ao envez de «Helices» tenha publicado um resumo em verso da caixa de musica daquele ceguinho de Vienna, precedeu á revolução literaria de Bustamante Ballivian, o «pontifex maximus» da poesia colombiana, e foi companheiro de tempo da observação intensa e ampla de Angelo Falco, em Montevideo.

- Sem comentar com Walt Whittman, o Verhaeren da America, o movimento de modernidade subversiva, vem se fazendo ha muito tempo.

Em todas as Artes, em todos os

pontos em que caiba um sentimento e se ajuste uma emoção, o espirito novo, o cunho moderno é tão vibrante como necessario.

Em pintura, a esta hora, Tarcila expõe nos salões de Paris as suas ultimas produções, e Lazar Segall seguiu para a capital do mundo, com o objectivo de apresentar seus quadros em exposição.

As escolas pictoricas surgem como cardos e os modos de interpretação de cada um são os mais variados imaginaveis—

Em escultura a remodelação e a adaptação positivas; em musica a reabilitação das imagens sonoras simbolistas e que este simbolismo seja sempre uma reflexão do meio; em literatura o movimento é assombroso... Em S. Paulo, a multiplicidade de ismos no Rio Grande do Sul e Pernambuco levanta-se positivamente a gente nova; em Alagôas com Jayme D'Altavilla e Jorge de Lima, especialmente Jorge com o seu simbolismo puro; na Parahyba, Peryllo Doliveira como interprete da nova geração; no Amazonas; com Leopoldo Peres, Da Costa e Silva Sobreira Filho se operou o levante de energias mças...

Na Bahia, o brado dado por Carlos Chiacchio teve repercussão. A gente nova, esperava o tiro de revólver, para seguir o modernismo puro como ele é e deve ser, e não como parece ser.

«Arco e Flexa» terá por lema, o lema rehabilitante da literatura: «tradicionalismo dinamico».

No Rio, «Festa» a nossa irmãzinha de lucta e de Idea traz consigo toda a sintese do são e positivo principio de refazimento.

Passamos por um estado de transição.

Eis porque, as escolas surgem, como surgem as fantasias á imaginação desenfreada dos poetas. Sob todos os aspectos, todas as modalidades, todas

as feições, formam-se grupos, constroem-se muralhas de Idea, tracejam-se planos complicados de estrategia intellectual, organizam-se os programas mais variados e esquisitos. Se o momento é transitorio, é justa a observação de Gomez Carilho que julgava a literatura moderna um espelho virgem no qual cada artista refletia a seu modo a personalidade de suas imaginações. Se é assim, um «hurrah» a Tasso, outro a Itiberê, outro a Muricy outro aos outros companheiros de legião, porque foi isso, precisamente isso, nacionalisação, brasilidade, patriotismo puro, o que fez «Festa». Tudo se consegue quando se quer lutar... Isso fará «Arco e Flexa».



## Suplica de Bohemio

Noite, ó, noite esplendorosa

O' linda noite calma:

mostra teu coração . . .

Quero ver-te alegremente muda!

Aqui em baixo nem um grito:

mamãe natura dorme . . .

Lá, em cima, porem,

a gargalhada luminosa das estrelas . . .

Noite . . . ó linda noite calma,

mostra teu coração . . .

Desejo ver tu'alma

Que deve ser fria e mansa como tu . . .

Mamãe natura dorme  
 cançada de trabalhar...  
 Chamam tua bôca de Via-Lactea...  
 Que bôcca enorme que tú tens...  
 Sempre a rir! Sempre a rir!  
 Com a gargalhada luminosa das estrelas...  
 Noite, ó noite esplendorosa,  
 ó linda noite calma:  
 mostra teu coração...



A noite linda e languida  
 abriu a sua camisa de nuvens  
 e mostrou o coração...



Noite! por que teu coração  
 é tão palido e tão lindo...  
 E corre tanto!  
 Está elle brincando de esconder?  
 Por que corre elle tanto com as nuvens?  
 E como fulgura e estremece...  
 E' tão lindo teu coração, noite!...



Oh! linda noite calma  
 Já vi teu coração  
 Mostra tu'alma...

A noite continuou sorridente  
 Pela gargalhada luminosa das estrellas...  
 E uma vóz doce e longinqua  
 Muito languida e triste  
 Murmurou no céo condecorado:  
 — Mostrei meu coração  
 Que é lindo e iluminado...  
 Minh'alma  
 Alma doida, alma alucinada  
 Vive pelas ruas, soluçando de amor...  
 Minh'alma, és tu mesmo, Sonhador!



## Victoria - Regia

Simbolo lendario  
 metempsicose esquisita de cunhantan...  
 Flôr gigante que repudia  
 a instabilidade tumultuosa das caudaes...  
 namorada anemica  
 da placidez remançosa dos igarapés,  
 ou a estatica impressionante  
 dos lagos suicidas...  
 Flôr paradoxal,  
 freira anemica do convento verde  
 da floresta,  
 que adóra  
 o maxixe brasileiro dos macacos  
 nas gallarias,  
 e a cavalaria das jaçanãs  
 de pernas esguias e quilometraes;

como adora também  
com beatitude selvagem  
o bailado silencioso da lua,  
no tablado impalpavel do ar...  
Princêza amazonense  
ingenuamente orgulhosa,  
que não compreende o seu prestigio emocional.  
Pedaço branco  
de originalidade brasileira!...  
Flôr que é criança  
e mulher,  
Caricia, beleza e recolhimento,  
sentimentalismo e meditação...  
Flôr gigante,  
porém fraca, verdadeiramente feminina...  
Não compreende  
a pateada irritante dos guaribas  
nem o desprezo elegante das pernaltas...  
Flôr afirmação aquatica  
do beijo frio...  
Pobre flôr triste  
immensamente triste,  
porque sente sobre si, a ironia do Destino:  
Enorme como o Brasil;  
Sentimental como a quietude  
estagnada dos lagos;  
resignada como a alma cabocla  
do Amazonas;  
Bela, imensamente bela,  
obra prima da estatuaria vegetal...  
Beleza esteril de contemplação  
Pobre flôr sem perfume...  
Pobre flôr sem alma...

de HELIO SIMÕES

*A resposta das ondas*

Um dia Você me disse a sorrir, convulsiva e nervosa, com esse sorrir nervoso e convulsivo que precede ao pranto, e que é mais amargo do que o fel das lágrimas:

— Vou partir, para longe, muito longe e não voltarei jamais! ...

Mas eu que precisava do engano para sofrer menos, não vi no seu semblante o sorriso nervoso.

Quiz ver na sua despedida um brinquedo somente.

E foi só numa tarde, á beira mar, falando de Você ás ondas espumantes, que vinham curiosas espraiair-se a meus pés de mansinho, que eu me certifiquei surpreso e alucinado, de que não fôra brinquedo somente, a despedida de Você, Foi quando percebi a bordo de um navio sombrio e negro como a noite, o seu lençinho branco a se agitar convulsivo da amurada, como labios exangues num sorrir nervoso ...

Desde então, toda a tarde á mesma hora, eu vou á beira mar perguntar ás ondas por Você e tanto é o meu interesse, e tantas são as perguntas, que o coração transborda em lágrimas naquele caes, que chego sempre em prea-mar e saio em maré cheia.

E ás vezes, inconscientemente, repito o que Você me disse a sorrir naquele dia:

— Vou partir, para longe, muito longe ...

(as ondas acrescentam convulsivas:)

— E não voltarei jamais!

## Pastoral

E' mansa a minh'alma como as ovelhinhas,  
como as ovelhinhas mansas de que diz a Biblia  
que andavam soltas nos montes de Galaad...

E não encontrarei entre as mulheres  
pastora que ma queira apascentar,  
sendo a minh'alma tão mansa como as ovelhi-  
nhas mansas

que andavam soltas nos montes de Galaad?



## Quando me vou por essas ruas...

Nas tuas velhas ruas decadentes  
de predios coloniaes,  
nestes becos  
meandrosos  
labirínticos  
de sombra secular,  
revives, oh! Bahia evocadora,

a faustosa idade dos governadores  
o aureo tempo dos teus vice-reis!...

Tenho a impressão de recuar na história,  
todas as vezes que silencioso  
e reverente

como quem corre um templo,  
atravesso uma dessas velhas ruas  
olhando esses portões velustos  
religiosamente

como  
quem

remira os fêchos de um missal antigo.

E a verdade bíblica do Eclesiastes,  
echôa em mim,  
acabrunhadoramente,  
ao distinguir sobre os portaes artísticos  
o recorte heraldico de um brasão  
que o desprezo republicano  
caíou...

E, se passa ante mim nestes momentos,  
nestas horas de evocação  
algum velho de longas barbas brancas,  
descubro-me respeitoso  
e curvo-me ao saúda-lo,  
como se o velho fosse

Thomé de Souza.



# De Cavalcanti Freitas

## De como me integralizei no ritmo novo

Sou daqueles, que sentiram, quasi sem saber, a emoção de arte do instante. A minha retina cansou-se, naturalmente, das perspectivas comuns. Teve tédio de sentir uma só emoção de beleza estatica. Enfastiou-se de olhar a agua parada do anacronismo das concepções. Do mimetismo enervado de uma idéa, já, mil vezes, colorida, com as mesmas cambiantes. Deslumbrou-me a nova beleza das côres. A poesia criadora do movimento. A energia fecundante do novo ritmo.

Um ritmo mais espontaneo, mais insinuante, mais verdadeiro, por isso mesmo, menos «construido». Um ritmo, que é a propria emoção, vasada, quasi, sem ser pensada. Embriagou-me uma expressão mais real da beleza. E uma vontade patriótica juntou-se á

força intuitiva da arte. Esta arte, que eu não criaria, se não me sorrisse á sensibilidade geradora, com a indiscreção maravilhosa dos acontecimentos instantaneos. Esta mesma arte, que me canta, nos olhos, cheios de luz dos tropicos, quando vejo as manhãs da minha terra pagã, ainda vibrando da vertigem nascente. Esta mesma arte patriótica e emotiva. Arte, que é brasilidade. Arte — energia, força, movimento, luz, consciencia, côr, plastica, ritmo. Divino subjectivismo de uma visão objectiva. Um Brasil — emoção, beleza, encantamento. Uma arte definida, caracterizada. Arte, com o criterio criador da unidade. Arte «tradicionalismo dinamico», de Chiacchio. Arte «musicalidade espontanea» de Tristão. Arte, como eu senti. Esta mesma

arte dos renovadores de «Festa».

Arte — liberdade, isenta dos perigos múltiplos do absolutismo destruidor.

Liberdade, com método e ritmo.

Sem o critério absurdo de que a asa possa voar até o sol. Arte maravilhosa. Criadora. Divina arte.

Senti-a, como as cousas mais belas do meu País! Como o

baque, em cheio, na correnteza, da terra-caída.

Como a agonia daqueles veios petrolíferos, que corroem, em galerias, o sub-solo do Brasil, vencendo as correntes telúricas, numa vontade doida de brotarem á luz do sol.

Senti-a. E agora, quasi automaticamente, marcho sob o ritmo da sarabanda iluminada dos novos.

Dá-me a tua *benção*, Tasso...



## Cercas de Pedra

As cercas de de pedras...

Simbolizam uma idade já morta. Um aspecto de vida primitiva. Talvez, a *pedra-lascada*, na civilização sertaneja. Tem o mesmo ritmo da gleba acidentada. Várzeas e serras. Aclives e vales. Lembram um imenso reptil, que tivesse o lombo arqueado, de onde em onde, pisado pelo pé incauto do sertanejo.

Ele, que desbrava, cheio de confiança, o solo pátrio, por conhecê-lo, tão bem como a tumultuosa gleba da sua alma. Ele, que lê *buena-dicha*, na grande mão aberta do sertão. Que conhece o seu destino. Que sabe quando ele sofre.

Para ele, não existe, no seu *habitat*, a cascavél traiçoeira. Nem a gíboia *inofensiva*. Esta mesma gi-

boia, que os curandeiros expõem á curiosidade pública, nas feiras-livres.

Ela mesma, de metros de comprimento e côres extravagantes, que se enrosca, familiarmente, pelos braços deles, como se fôra, no caule de uma baraúna nova. Que já não tem dentes, nem possui mais o veneno, mas que acaba matando os curandeiros. Não existe a onça pintada, estremecendo o sertão, faminta, em noites "escuras como breu".

O sertanejo acende a fogueira, á porta do rancho, para espanta-la. Ou em noites iluminadas de luar, quando ela esturra, ociosa, farta da prêsa devorada, na lombada da serra, de cabeça para o céu, enamorada da lua. Não existem todos os bichos do mato. E todas as ervas, daninhas.

! Não existem os abismos invencíveis. As gargantas. Os despenhadeiros. O *hinterland* do seu sertão é um chão unico de pétalas de rosas e árvores bonitas, onde canta toda a alma sonora da mata. Toda a fauna tagarela do sertão.

Estes pequenos artistas das catingas, que despertam cantando, e adormecem enchendo a noite de harmonias e vozes sublimes, que se repetem pelos chapadões silenciosos das serras. É tudo isto constitue a *feira de arte* do sertanejo.

De todas as manhãs e de todas as noites. Mas que possui sempre, uma emoção nova de beleza, para o nativo.

As cercas de pedra... Foram-se desmoronando e caíram, como um pedaço de civilização morta. Ostentam, somente, hoje, a dolorosa beleza das ruínas. Antigas. Preciosas. Recordam as velhas catedraes, por onde tivessem passado os

vândalos. Os destruidores de templos. Esmagadores de ídolos. E estas ruínas criam nervos e alma, nas noites brancas e silenciosas. Humanizam-se. E falam de uma idade adormecida. Repetem aquela mesma linguagem nostálgica do *abencerragem*. Fazem confidências ás serras que os viram adolescentes como aquele maravilhoso *fauno* do escritor lusitano. E, pelas manhãs, o orvalho caído caprichosamente sobre aquelas pedras antigas, lembram o pranto que tivessem vertido, noite a dentro. Lágrimas de granito... E, só o nativo, por um ancestralismo sentimental, percebe a angústia daquelas ruínas. Cêrcas de pedra da minha terra. Ruínas barbaras do meu sertão. Nem ao menos, como as outras ruínas, mais felizes, passeia, no silêncio das noites, pelo seu abandono, o perfil longo das cegonhas emigradas. A plumagem insinuante das aves heráldicas. Compreendo-lhes, divinamente a dôr.

Ruínas abandonadas...



de *Damasceno Filho*

## *A cidade das ruas silenciosas*

A minha terra é uma cidade silenciosa,  
edificada no alto de montanhas,  
onde coqueiros se embalançam.

Dela se contam lendas e façanhas,  
A sua vida foi, outróra, tumultuosa,  
cheia de lutas e combates... Mas agóra,  
os seus heróes descansam,  
e a cidade repousa pacificamente.

Logo que a noite desce, as ruas ficam cheios de quietude  
com o seu colar de lampadas luzindo, rua a fóra...

Sómente ás vezes, na Avenida,  
passam, de ólhos acesos, sombras vertiginosas.

Agita-se o ar num breve redemoinho...  
e tudo é calma, em seguida.

Outras vezes, porém,  
écôam passos pela noite quieta.

Passos lentos de alguém que anda sósinho...  
De alguém que anda, sósinho, á procura de Alguem...

E passa, sob as arvores, um poeta...  
— Cidade onde nasci! Como te quero bem!

## *Minha Velha Cidade*

Volto para a cidade maravilhosa  
dos poetas, e onde é longa a Primavera!  
Para a cidade onde se goza,  
e que me espera  
sorrindo,  
com o seu sorriso muito claro e muito lindo!

Praias brancas! Montanhas de granito!  
Palacios de zimbórios coruscantes  
erguidos para o infinito,  
— fantasmagóricos gigantes!

E o movimento da Avenida, ao lusco-fusco!  
E a vibração estranha dos rumores  
quando a cidade imensa exsurge no céu brusco  
o cintilar de mil luzes multicores!  
Não me esqueço, porém, de ti, minha terra querida!

De teu triste socego e da simplicidade  
dos ritos que conservas, carinhosamente,  
na alma piedosa da cidade!  
Encanta-me a expansão de tua gente!  
Gosto de tuas ruas coloniaes  
e que nos lembram épocas distantes!...  
As ruas velhas me comovem muito mais  
que as avenidas de palacios deslumbrantes!

O' minha ingenua Terra-Prometida,  
— terra de meu amor adolescente!

## *Na alegria do Inverno Tropical*

Vejo os quadros sem côr; vejo as gravuras  
dos livros que nos vêm de outros países,  
e sinto como deve  
ser triste a gente vêr, nessas noites escuras,  
cair a neve pelas ruas, sobre as casas,  
e sobre os galhos hirtos dos arbustos...

— Deve ser triste vêr cair a neve!

A gente compreender que os homens pobres e infelizes  
andam morrendo, tiritantes,  
pela rua,  
porque não têm, num quarto pobre, algumas brasas!

Terra abençoada a nossa que, no Inverno,  
desperta alegre ao sol, adornada de rosas  
e dorme sob a luz de cintilantes  
constelações — sem que a leve  
nevoa que às vezes paira no ar possúa  
a algidez tumular das montanhas de neve!

Céo abençoado o nosso — azul eterno!  
Tenda de seda onde se abrigam estas  
maravilhosas  
e sempre verdes florestas  
que dão flores no Inverno e no Inverno dão fruto!

E naqueles países,  
a neve é como o marmore das frias sepulturas:  
— lembra a aflição, a dôr e o luto  
dos homens pobres e infelizes ...

Homem pobre e infeliz  
— Por que não vens viver no meu País?

# de Jonathas Milhomens

## SIMULAÇÃO

«SE NON É VÉRO É BENE TROYATO»

Fui um dos mais talentosos alumnos que frequentaram o «Internato Silva Andrade», em Alagôas. Imoestia? A verdade quando não é inutil e escandalosa sempre convem dizer-se.

Porque os meus colegas não tivessem gosto pelo estudo ou porque me houvessem despertado com os elogios talvez imerecidos o desejo de ultrapassar a todos eles, destaquei-me, fui admirado, invejado; fiz o meu curso de humanidades alcançando notas altas e calorosos panegiricos. Na Faculdade nem tanto, nem obscuro. A ameaça de futuras responsabilidades, preocupações, juizo, tudo concorreu para que eu afastasse de mim aquella idéa egoista, louca idéa que me atormentara a adolescencia. Adquirida a minha carta de bacharel fui advogar em Campos, vivendo na doce recordação dos meus dias e da biblioteca do meu velho mestre, onde achei fontes de saber nos filosofos do Velho Mundo que constituiram a leitura prediléta que me ilustrava.

Mas um espirito diligente, uma organização de poeta é — o sempre, na treva, na paz, na morte, na miseria. Do meu gabinete em Campos mandei para o prélo alguns livros, que eu não queria desprezar os admiradores do meu talento. Publiquei «A Animalidade», «A Nação Plebéa», alguns folhetos e um livrinho de versos «Borboletas» que a bondade dos jornalistas da minha terra os levou a classificarem de obra-prima.

Pobre que eu era, as edições foram más e resumidas; hoje faz 10 annos que meu nome não apparece na imprensa.

Transformei-me. Ao envés do publico quiz que me admirassem como escriptor os meus colegas de martirio e guardo com maternal carinho as minhas cartas de Carneiro Ribeiro, Egas Moniz, Chiacchio, Medeiros e Albuquerque, dois postaes de Ruy e Alberto de Oliveira, tudo lisongeiro, cheio de parabens de palavras que me sabem a triumpho, enquanto o povo — critico insincero — ruma os seus «gloriosos» quase na ignorancia da minha personalidade literaria. Dele tenho apenas uma reliquia: um bronze representando Themis e o Genio, com a seguinte dedicatoria numa chapa doirada: «Ao illustre psicologo J. M. — homenagem dos seus patricios» e nada mais.

Basta. Leitor incauto e amigo, estou sorrindo de ti Sorrio da tua simplicidade, porque és crente de tudo, um perfeito incauto. *Sic* como eu sou. Não me conheces? Duvido de tudo que não apalpo. Do cientista consumado ao prodigio que desperta. Eu não bato palmas no teatro se estou longe da atriz — temo enganarem-me os sentidos e o meu camarada da esquerda me chame imbecil, idiota.

Amigo, duvida da farofia dos literatos sem propedeutica e sem tirocinio, escarafuncha bem e não te escandalise demais a decepção.

Ah! o elogio das gazetas e a milagrosa benemerencia dos prefacios!

A principio juro que me acreditaste um homem de letras impatrioticamente obscurecido (só porque eu disse), que, vendo minha assinatura lá em baixo, tiveste compaixão de mim — escritor de rara casta, uma gloria talvez das letras nacionaes de quem se ouve falar no hiperbolismo deste damnado seculo vinte.

Nada! Eu nunca publiquei livro. O celebre «Internato Silva

Andrade» nunca existiu. Nem eu sou formado. Nunca filósofo alemão, nem francês, nem da China.

Aquella frase em italiano eu copieei de uma lista que possuo. E vejam só: se não fôra o sapateiro Giacomo Spinelli, d'ali da esquina, adeus! que não saberia tão cedo a tradução dela.



## *Nilo Brasileiro*

Gigante centopéa, monstro  
 Cuja cauda descansa nas serras  
 Das terras do El-Dorado,  
 Terra da Inconfidência e do martírio...  
 Cuja bôca derrama eternamente  
 Um dilúvio de agua doce  
 Nas aguas de Colombo e de Cabral,  
 Gigante centopéa original,  
 Cujas patas se estendem nas matas ..  
 Se estendem nos sertões...  
 Não me enlevam as enchentes caudalosas  
 Que te fazem parecer um doce mar.  
 Não me encantam tuas quedas colossaes  
 São coisas que... não sei. São coisas naturaes...  
 Teu volume tambem não me arrebatam.

Como me enlevam, como encantam e arrebatam  
 As ideaes evocações dos tempos,

Dos tempos que no leito adormecias  
 Sem ouvir um gemido  
 Dum peito partido  
 De dor — O soluçar dum peito humano,  
 Quando não conhecias um profano...

Um dia uma bandeira, em demanda de pedras  
 Preciosas, bandeira sequiosa,  
 Chegou-se junto a ti, centopeia gigante.  
 Inda tu eras então desconhecido e o mundo  
 Era tão diferente deste mundo,  
 Um bandeirante,  
 Dois, tres e mais toda a bandeira,  
a mole inteira

Contemplou estasiada o colosso  
 No interior das terras brasileiras...  
 Eras enorme... e belo e forte e nas tuas aguas  
 A pureza do céu a virgindade das selvas,  
 Das criações das mãos da natureza.

Um vil conquistador, do bando, á sequidão  
 Da garganta, que os tropicos, o sol  
 Barbaramente condemnou á sêde louca  
 Na tua face deixou o veneno da bôca...  
 E deixaste de ser virgem, que te manchou  
 O contato fatal da boca impura  
 Daquela criatura  
humana...

Eis o que me transporta — essa lembrança  
 Da tua virgindade em meio dos sertões...  
 Hoje quasi te odeio  
 Acho-te criminoso, e imundo e máu e tudo,

Guardas crimes no seio e te conservas mudo...  
Es a triste beleza — portanto sem graça  
Compadeço-me até da infindavel desgraça  
Que tens no coração —  
Reptíl, eu te odeio, eu não te amo, não.  
Ah! se fosse pagar os teus males causados  
As vidas que tragaste impunemente!



de Eurico Alves

## A Bahia de Todos os Santos

A JORGE DE LIMA

Bahia, minha Bahiazinha,  
vou escrever hoje o teu poema, terrinha do meu coração!

Bahia de Todos os Santos,  
és u'a morena preguiçosa,  
certas horas,  
dormindo descuidada,  
na rêde azul que o mar balança.

Não usas mais, morena, o pano da costa listrado  
preto e branco,  
vermelho e amarelo.

Mãe-natureza te deu um chale de sêda fina,  
feito de espumas quentes e folhas verdes.

E's faceira,  
apetitosa,  
e dengosa,  
de seios tumidos e pontudos como jaboticabas, verdes e enormes.  
Os palacetes Martins Catharino,  
o velho e o novo,  
são as tuas pomas encardidas  
que o sol morde com sensação,  
o dia inteiro.

Eu gosto de ti,  
minha Bahia,  
porque és u'a morena educada,  
que tudo sabe e tudo faz.

ARCO & FLEXA

Eu gosto de ti, quando nos matos, nos candomblés,  
 tu te remexes devagarinho,  
     ou ligeirinho,  
     numa tontura,  
     numa luxuria,  
     desesperada.

Eu te amo no «Bahiano de Tennis»,  
 quando te imposturas pra cima da gente.  
 E's melindrosa, neste momento,  
 de ruge e pó no teu rostinho  
 estrangeirinho.  
     de bangalô.

E mais me encantas,  
 quando te encontro  
 lá na cozinha.  
 encarvoada,  
 lambuzada  
 de azeite doce e de dendê.

Bahia,  
 o teu vatapá gostoso  
 está me parecendo, digo serio,  
 um manjar do céu. E foi provando-o  
 que o escritor disse que a Paris só falta  
 um vatapá bahiano.

E me ri muito, naquela noite, na «Petisqueira»,  
 vendo um carioca almofadinha  
     comendo  
     e chorando  
         com o ardor  
         da pimenta de cheiro,  
     e da malagueta.  
     E todo sulista  
     quer provar,  
 embora chorando, do teu efó apimentado,  
 deste carurú que sabes fazer com sururú,  
 e do vatapá doirado e do acarajé amassado por ti.

Ai! minha Bahia, que coisa gostosa é acarajé!...

E' um pomo de oiro,  
amarelinho,  
redondinho,  
delicioso,

que Ogun deixou pra gente.

O acarajé, minha gentinha,  
não tem, não tem aquele  
gosto ruim de beijo chupado  
que Jorge de Lima diz.

Um acarajé tem o gosto gostoso  
de um labio pintado de menina novinha.  
E aquele ardor que nos fica na lingua  
foi a dentadinha que a menina nos deu.

Ai ! Bahia !  
as tuas  
frutas,  
a laranja,  
o araçá,  
o cajú,  
a jaboticaba,  
o côco verde comido em Amaralina  
foi Nosso Senhor que deixou cair do céu

Bahia, Bahiazinha guerreira,  
morena fértil que tem filhas bonitas, como o Brasil de Alvaro Moreyra:  
Feira de Sant'Ana,  
(minhá<sup>ra</sup> terra)!

Cachoeira,  
terra do meu amigo  
Clovis da Silveira Lima;

Santo Amaro  
que faz lembrar  
os não sei quantos filhos  
que deixou aquele barão;  
Alagoinhas,  
onde móra o velho poeta Assis Tavares  
Ilhéos,

a menina orgulhosa e rica e vaidosa  
 que só tem vestido de sêda radium  
 enfeitado de madreperola e lantejoula,  
 e arminho,  
 comprado ás custas dos seus caxixes!...

Bahia !

Lá o sino tocou:  
 é a Bahia que vae rezar  
 lá na Sé,  
 na Catedral-Basilica  
 em São Francisco  
 e no Bomfim.

E o convento da Piedade  
 e o de São Bento  
 são dois frades rezando,  
 com o capuz ás costas.

«Dlindão!... dlão!...  
 dilindlão ! dilindlão !...»

A Bahia é religiosa,  
 ela crê em Nosso Senhor.

Ela não tem inveja da França,  
 porque tem Nossa Senhora das Candeias,  
 que apareceu a u'a menina  
 da roça.

Bahia !

Estou ouvindo a musica dos teus benditos alegres,  
 nas romarias que fazes ás Candeias,  
 pelo rio  
 e pelo mar.

Estou vendo a ponte de São João,  
 que parece um braço magro de mulher velha e pelancuda,  
 fazendo caricia ao mar,  
 se balançando com o peso dos trens  
 que vão levar

os romeiros  
 aos pés da virgem  
 mãe  
 de Deus.

Me perdôa, minha Bahia,  
 o mal que te fiz,  
 fazendo mal o teu poema.



## A Escola

A lua é uma perola suja que o sol deixou á noite  
 para não malquistá-la com a escuridão.  
 As sombras são a clamide do sol,  
 com que ele embrulha as coisas que teem frio.  
 As lagoas, taças esborcinadas cheiinhas de licor  
 para o orgia da noite somnambula...  
 O vento trepa no telhado, assoviando, assoviando,  
 e brinca de cabriola e não quebra telhas, nem apaga os lampeões do céu...  
 E, dentro da noite religiosa,  
 ouve-se um b-a-bá gorgolhado  
 pelos sapinhos que estão na escola da poça:

«B-a-bá, fugiu da barra;  
 b-e-bé, de ponta de pé» ...

E as sapinhas formadas na escola normal das poças,  
 conhecem uma lingua abemolada que só elas sabem manejar.  
 Elas ensinam as alumnas a cantar  
 toadas bonitinhas,  
 originaes:

«Meu marido sapo,  
 um!...  
 você não vá pra rua,  
 um!...»

■

Houve uma pausa na escola,  
porque cantou a onça vagabunda  
que é o violoncello da mata.



## Noturno Bahiano

a CARVALHO FILHO

Todo o mundo faz noturno,  
todo o mundo é Chopin,  
compondo o noturno de São Paulo e o de Bello Horizonte.

Eu não sou Chopin, nem Tarrega, nem musicista, ao menos.  
Mas a minha Bahia também tem um bonito noturno,  
um noturno simbólico de capital que se moderniza

E' um noturno comprido que vae da bocca da noite  
ao principio da aurora.

E nas verdes poltronas do verde Campo Grande,  
cantam os flautins estridentes das cigarras festeiras...  
O vento tembla a sua viola com a musica silenciosa dos va-  
l galumes vagabundos e boémios,  
que só tocam voando, volteando no ar.

E a simfonia dos sinos,  
em aleluias na tarde preguiçosa,

teu um quebranto de rezas e salmos e uma volupia vermellia  
|de batucajé.

E a gente sente, ouvindo-a, saudade dos avozinhos ricos que  
|nos deixaram os sinos,

E o noturno continúa pela voz rouca e jazebandina dos au-  
|tomoveis,  
que se espreguiçam até a Victoria e pelo silvo acaiporado  
|das uzinas  
que cantam epinicios a Luiz Tarquinio.

A orchestra abranda os sons, na preguiça gostosa do baru-  
|lho do mar  
que se joga na praia, como se estivesse em trapezio,  
a brincar,  
balançando-se  
e fazendo ginastica  
com a cara molhada  
do suor das espumas.

Na sala do clube o noturno é mavioso como pele de francêsa  
na sonancia dos seios das meninas loirinhas,  
e na algazarra febril dos cristaes tagarelas,  
e na risada rascante das fichas na banca.

A Bahia é musicista,  
compositora,  
cujas musicas sublimes são tambem  
aquela bonita mistura da quimica bilaquiana.

E a gente ouve contente,  
com aquelle pedaço de alegria africana  
que a gente tem perdido no sangue

o ritornelo vermello lá da Cidade de Palha  
e Páo Miúdo.

E esta musica sabe a um gosto de sangue de negro,  
e a carne de galinha de chinchin e a azeite dendê:

«Ogun, o meu aroé,  
as aves cantam,  
quando veem de aroanda  
trazendo pemba  
para salvar o filho de Umbanda,  
o', japonesa, olha as costas do mar.»

E não ha quem não sinta que baila a Bahia com o pae do  
[terreiro.

A Bahia é compositora.

A Bahia é festeira,  
ela é filha de santo,  
ela sabe abrir mesa.

Ela samba,  
ela canta:

«Ogun de lin, lê lê,  
ogun de lin, lê lê,  
ogun lá lá,  
na costa do mar.»

E o dêdo vadio da pianista pernostica  
cabrioleia nas teclas.

A Bahia dedilha no piano das follas o epilogo do noturno  
[com a chegada do sol.



# de José Queiroz Junior

## Capitulo de Novela

Nelio acordou cedo. Olhou a manhã rica de sol, rica de cintilações. Ruas desertas. Retalhando a alma fria do silencio, garotos mercadejavam frutas e verduras. Tinha a alma cheia, o coração sufocado numa alegria. Uma alegria nova como aquele sol, linda como aquela manhã sonora...

O tédio que ele sentia antigamente vibrando, punhaladas na sua sensibilidade, fugiu, desapareceu como uma noite atacada pelo sol.

Nelio desconheceu asu'alma. Aquela alegria, aquela felicidade crearam dentro de si outra alma. Outra alma, boemia, no seu corpo de adolescente. Queria sair, segredar daquela metempsicóse ás pedras brancas do caminho aos arvoredos tangidos pelo vento, ao passaredo bravio, cantando, aos pinchos pelos galhos tremulos...

E saiu. Pela estrada incerta, ziguezagueante, loira, foi murmurando baixinho versos de Geraldi...

Sentou-se no banco. Na casa do Grulhas, havia uma agitação, uma inquietude. Era uma festa que ensaiavam. Sons doidos e confusos de uma viola, boiavam, mansos, no ar. Perto, as lavandiscas saltitavam, tatalando nos calhãos. No quintal, bácoros passavam,

focinhando a terra. Passou uma multidão de moscardos, zunindo.

De longe veio rolando mansamente no ar o som dolente de uma fuga esplendida de Bach.

Nelio escutando-a, sentiu uma emoção percorrendo, tropical, a su'alma. E lembrou-se de Nylce. Sylvio, finalmente o apresentára ao Fabricio. E ele teve o prazer de sentir o contato das suas mãos finas de musmê adoravel. Parecia vê-la ainda, naquela posição de anfora grega, com aquele riso brincando no recorte vermelho dos seus labios. E aquele olhar parado, profundo, onde ele vira refletido o seu proprio destino...

E não se esqueceu do Maciel de Vellane acaçapado na cadeira, o olhar incendiado de colera, uma ironia caustica no riso. Dir-se-ia uma fera faminta que viu fugir-lhe das garras leoninas, a vitima indefesa. Adivinhára o desgosto que lhe calcára, rindo, na alma. E entre os dois (Nelio lembrou-se bem) travára-se um duelo fantastico de olhares penetrantes, como punhaes envenenados...

□

Sylvio, na manhã seguinte, constrangido, voltára ao «Retiro». O cafe-

zal rebentava-se numa multidão de grãosinhos vermelhos, como joias, incrustadas nos galhos.

Aline, desde cedo, volteava pela casa, alongando o olhar pela estrada cobrejante, ansiando pela volta do seu amôr. Nunca entre eles houvera o menôr arrufo. Parecia um constraste ás cariocas alegres, futigando pelas avenidas asfaltadas, abeirando-se, com gestos estudados, das vitrines, rindo a cada gracejo, córando a cada lisonja...

E aquela vida burguesa, passava leve, calma...

Longe da sociedade, perto da felicidade...

Nelio ficou só no quarto. Leu Nietzsche e Sully Prudhome. Mas em cada pagina, como nos romances antigos, a figurinha de Nylce aparecia, os olhos de Nylce apareciam com cintilações esplendidas de estrelas.

Levantou. Chegou á janela. Um crepusculo caboclo tingia a tarde mansa. No céu nuvens bailavam, confusamente... A cidade calma, silenciosa, parecia caida numa grande sincope.

Sobre a mesa viu o livro que Gil do Ihe enviára, e leu algumas paginas. Cenas emotivas, beijos roubados no silencio branco do luar, mulheres conquistadas facilmente, vinganças de maridos... E ele sentiu que não passára de todo a esse tempo, em que o escandalo explodia, nos «caftens», nas casas de «rendez-vous»...

O instinto, porem, punha desejos na sua carne. E ele amava Nylce, assim, com esse amor antigo á Julio Diniz, mas tinha a ansia de vê-la desnuda, satisfazer a sua curiosidade de

esteta ante o esplendor magnifico das suas formas brancas...

Alucinava-o a vontade incontida de beijá-la, de sentir os labios presos nos seus labios, os braços retesados voluptuosamente, a sua cabecita reclinada mansamente no seu peito e dizer-lhe, como Bilac: Quero levar-te, primavêra de carne pelo braço...

Arrependia-se depois. O seu amor devia ter sempre, o transcendentalismo puro dos platonismos sinceros...

A noite subiu, em silencio, da terra.

Nelio saiu. No quarto de Yvonne boiava no ar um perfume esquesito.

A mulher lubrica, enroscava-se junto a ele, num delirio:

— Não me queres mais?

— Duvidas de mim?...

— Duvido. Sei que me enganas...

— Tolinha!

— Mão!

— Não vens jantar?

— Não... não quero... estou um pouquinho indisposta...

— Olha, eu hoje tenho um negocio...

— Negocio de amor... sei lá...

— Ora, não pense nisso Yvonne,

— Compreendo-te... A tua friesa já não me é mais extranha...

— Enganas-te... Bem sabes que eu te amo... Bem sabes...

— Sempre me dizes isso...

— O que se diz sempre é o que se sente sempre... Adeusinho!

E beijou-a.

Fóra na casa do Grulhas, uma orquestra maluca jazbandeava. Muita gente no sereno. Comentarios...

Nelio caminhou a esmo ao longo das ruas sob a gase fina e imperceptivel do luar. Vagalumes passavam no

ar como olhos dispersos na noite profunda.

Ele tinha uma vontade de amar, uma vontade enorme, do tamanho da sua ansia. Yvonne, mulher diabolica, dobrava-o, com o peso da sua fascinação.

Os seus olhos pareciam atraí-lo irresistivelmente tal se neles tripudiassem imans poderosos. Ele proprio tinha medo, medo daquela covardia que o humilhava ante ela, que o fazia beijar a fimbria branca do seu vestido, donde manavam profusamente uns ha-los de essencias esquesitas.

Veio de longe uma cantiga triste:

«Pobre daquele que ama,  
Soluçando de paixão...  
Quanto mais corre, fugindo,  
Mas lh'o chama o coração...»

E a voz ficou cortando a noite mansa.

Nelio entristeceu-se. E pensou: «Ela não vem... ela não vem... Está com o noivo talvez...»

E um calafrio percorreu-lhe o corpo, e o coração badalou dentro do peito.

Recostou-se mais ao lampeão. Afundou as mãos nos bolsos da calça, como quem tem frio. De longe em lon-

ge, surgiam pirilampos acesos, bruxoleando, na noite profunda...

Um vulto pigarreou ironicamente na calçada alta. Rilhando os dentes como quem atira um insulto a um covarde. Nelio ergueu os olhos. Uma surpresa caiu no seu rosto. Maciel de Vellane, com o sarcasmo calado de um riso, na bôca, entrou em casa do Fabricio...

Junto as cortinas discretas da janela, Vellane e Nylce entretinham-se numa palestra alegre. Maciel tomava-lhe as mãos, beijava-as, e de soslaio, atirava pedaços de sarcasmo a Nelio, que hirto, tal um Deus ofendido, contemplava-o...

Aquela guerra muda de olhares tinha a ferocidade das guerras medievas.

O murmúrio seco de uma janela fechada inesperadamente, ecoou na noite e estralejou, como uma bofetada ironica no rosto de Nelio. Um riso feroz passou-lhe nos labios, trazido pela sua coléra. E crispou as mãos, o olhar incendiou-se rapido, e desapareceu na curva escura, a passos lentos...

A cantiga triste ficou rolando, na noite cheia de pirilampos e cheia de estrelas...

## YEDDA

Porque não vens Yedda? Ha tanto que te espero!

Ha tanto que eu procuro o teu olhar divino!

Esse mundo de sonho, esse mundo incompreendido,  
onde em silencio se espelha o que tu tens na alma...

Porque não vens Yedda? Porque não vens, orgulhosa de amôr!

Meu coração é um deserto entre oasis de dor!

A minh'alma de poeta anda esparsa, cantando,  
a glória sempre nova de viver amando!

Porque não vens Yedda?

Vem a sorrir e a cantar dentro da noite linda,  
percutindo em meu ser esse amor que não finda!

Abre a flor dos teus lábios ante mim, sorrindo,  
arfando de desejo e de desejo fremindo!

E deixa que eu te sinta, que eu te beije tanto,  
que as estrelas no alto, pirilampeando,  
se escondam de pudor, indiscretas, cantando,  
um poema de desejo e de amor incontido,  
no biombo japonês, incorporeo, das nuvens!

E não te vás embora Yedda, porque um beijo,  
um beijo que se dá, renasce noutra beijo!

E deixa-te ficar! Eu te direi, sorrindo,  
os mais lindos versos que hão de dizer, amando,  
e o meu amor inquieto, o teu amor enlaçando,  
fará vibrar de prazer a tua carne, fremindo!

Da gargalhada branca do luar,  
á gargalhada vermelha da manhã...

Porque não vens Yedda?



## JAZZ - GROTESCO

No desengonço,  
No desconchavo do *Jazz*,  
Oblongo,  
    Longo,  
Rabilongo  
    Jongo,  
A turba, boquiaberta, se desfaz  
Em ahs!...  
Bruhahás...

Nervos irresponsáveis. Turbamulta.  
Em sarabanda, jazzbandada.  
Viola e banjo, bombo, catapulta.  
Regalo, furor!

Alucinada,  
Música danada  
De posséssos, em gargalhada!...

Ora surdina, ora clangor!

Música chicoteante,  
Coleante,  
De fibras, células, nervos, mordaz!

Estrepitante,  
E' a disparada  
do *Jazz*:  
Cabeças para traz,

Zás!

Traz!

Catrapuz!

De cruz,

As pernas vão e vêm,

Vêm e vão,

Em rodilhão!

Fila esse gesto fugaz

No espaço,

Jazz!

A compasso

De fuga veloz

Atroz!

Tambem,

Ha:

Ralento, lento.,.

De momento,

Bah!

Violento

Reviramento

De tórax, deslocamento:

Tronco, braço, perna, Jazz!

Pernilongo,

Rabilongo,

Longo

Jongo,

Faz, desfaz,

Em aís, espíraes,  
 Piruetas de Satanaz...  
 Estouros de sacatraz,  
 Traz! Tráz!

Estrala, estruge, redemoínha  
 Gente brava  
 Que esparrinha,  
 Jázz! Traz! Zaz!

Rúbido, rábido, rútilo,  
 Em temblado, o estrepito  
 Vão, vago, inútil, o  
 rútilo, rábido, rúbido  
*Jazz!*

*Jazz!*

*Jazz!*

*Band!* em banda  
 Abandalhada,  
 Musica de canibaes!

Com punhaes  
 Entre dentes.

Laminas cinicas reluzentes  
 Em molinete,  
 Como pontas de florete!

Diabruras de opio, de estriquinina.  
 Viperina  
 Bailarina,  
 Em ritmos doudos, truncados,  
 Síncopados

Rápidos  
Lépidos,  
Sápidos,  
Trepidos,  
Jazz!

Traz!

Zaz!

Ziim!

Bum!

Ban!

Bom!

Zoom!

**F**

i  
i  
i  
i  
i  
i  
m

CARLOS CHIACCHIO

ARCO & FLEXA

N

O

T

I

**Afirmações**

*Arco & Flexa*, é a primeira revista filiada ao movimento moderno, que se publica na Bahia.

**Endereço**

Todos os contratos, com Pinto de Aguiar, rua Santo Antonio, n. 104, para onde deve ser dirigida qualquer correspondencia.

**Propósitos**

*Arco & Flexa*, tem as columnas abertas ao melhor, dos novos e velhos do Brasil, principalmente dos novos, segundo escolha pela Direção.

**«Moema»**

*Arco & Flexa*, está contente pelo exito obtido por Eugenio Gomes, com «Moema», o primeiro livro modernista editado entes nós. A critica do Rio e S. Paulo recebeu calorosamente a brilhante estréa. Medeiros e Albuquerque achou-lhe excelente. João Ribeiro reconheceu-lhe os meritos. E o «Correio Paulistano»,

orgam dos novos da Paulicéa, assim noticiou o aparecimento de «Moema»:

«MOEMA» — de EUGENIO GOMES — S. SALVADOR, 1928

O sr. Eugenio Gomes é um escritor modernista que a Bahia nos revêla. Centro de grandes tradições, talvez o que mais se resentiu da influencia que os velhos moldes causaram no espirito brasileiro, a terra de tantos vultos illustres acaba de ingressar no movimento de insubmissão intelectual propugnado pelos escritores da [vanguarda. E o modo por que o fez foi realmente auspicioso; este «novo» que ela nos envia pode ser colocado, sem o menor favor, entre as inteligencias mais nitidas da reforma.

Eugenio Gomes é dono de uma sensibilidade viva e agil; a sua poesia é fundamentalmente nacional. Nacional nos motivos, na côr, no lirismo forte que a caracteriza, na forma suspreendente em que se expressa. Tanto equivale a dizer que nada tem

# C I A R I O

de convencional; não se encarta entre as experiencias da puro intellectualismo em que demoram alguns reformadores sem convicção. «MOEMA» é um livro admiravel, não só por esses como por outros tantos motivos, que um estudo mais detido explicará, em ocasião oportuna.

Limitamo-nos, por emquanto, a esta simples noticia destinada a registrar o aparecimento de mais uma obra que vem enriquecer a biblioteca da modernidade brasileira.

«Correio Paulistano», 26-9-928  
(2ª pag.)



## «Epigramas»

Roberto Correia triunfou com «Epigramas», livro de versos bem feitos, como os sabe fazer o grande poeta lirico bahiano.

*Arco & Flexa*, fica satisfeito com a vitoria do merito legitimo seja de que credo fôr no terreno intellectual. A prova é que publicará, em seção especial, trabalhos dos consagrados já na luta pelo nome.

## «Sangue Máu»

Saiu, ha dias, «Sangue Máu», de Arthur de Salles. A critica ainda se não pronunciou acerca do poema do poeta do mar. Fallo-á com justiça, pois bem o merece, como veremos.



## «Mãe-d'Agua»

Herman Lima, o victorioso autor de Tigipió, está de parabens pelo sucesso do seu novo livro *Mae - d'agua*. E' uma nova afirmação do talento creador de Herman Lima, que ahi requinta de perfeição na forma e beleza de fundo. A edição foi esgotada em poucos dias. Facto raro entre nós.



## «Rondas»

Carvalho Filho, nosso compa-  
nheiro, publica «Rondas». Imagi-  
nação. Ritmo novo. Mocidade. A  
critica local já se pronunciou es-  
tasiada com a demonstração do  
talento de Carvalho Filho.

*Arco & Flexa*, terá oportuni-  
dade tambem de pronunciar-se.

## NOTICIARIO

Por ora, a confissão, apenas, de sua grande alegria pelo exito justificado do querido companheiro.



## «Entre duas épocas»

Está a findar-se a impressão do «Entre duas épocas», romance de José Queiroz Junior, um

dos nossos. Livro ansiosamente esperado, virá confirmar com certeza as previsões do valor e da capacidade construtiva de Queiroz Junior, quase uma creança. Tudo é para esperar de sua formosa intelligencia.

Nós esperamos tudo o que de melhor, para contentamento de Arco & Flexa.

## F I L O L O G I A

## X ou Ch?

Varias dificuldades se nos antolham á publicação desta revista. A primeira de todas foi, depois da escolha do titulo, a sua grafia. Flecha? Frecha? Frexa? ou flexa? Opinamos por flexa. Os filologos explicarão porque. Mas digamos logo que, consultados os livros sobre o assunto, primeiramente Gonçalves Viana, só encontramos divergencia grafica entre flecha e frecha, não se definindo o sabio simplificador da ortografia portugêsa, por esta, ou aquela forma, apenas acentuando que, quanto ao «emprego de *ch* ou *x*, os quaes historica e ainda dialectalmente não eram nem são identicos no valor fonetico (guardem-se os grifos que são nossos) regula-se pela sua origem, e a consulta ao *Vocabulario* torna-se necessaria» § XII, pg. 12, «*Vocabulario alfabetico*,» etc, de Gonçalves Viana) Fomos ao «remissivo» indicado, e, de fato, lá está flecha com *ch* e frecha com *re*.

Simplificação para *ch*, mas complicação par *fr.* e *fl.* Uniformidade para o grupo *ch*, mas divergencia para os grupos *fl* e *fr.* Não sabemos por que um melhor que outro, nas preferencias da perlen-ga. Tudo é ortografia. Quanto ao *x* do nosso caso, nada. Não se usa certamente *x* nestas alturas. Vamos ver, porem, o que diz o mesmo mestre no prefacio do «*Vocabulario*», n. 11, pg 24: «*Ch*: Emprega-se como inicial e medial, e nunca como final. Na pronunciação do idioma culto, e bem assim nos vernaculos meridionaes, confunde-se no valor ha mais de dois seculos com o *x* inicial, do qual se diferencia pela origem» Confunde-se no valor com *x*, diz ele,—porem, ainda ha pouco, nas palavras em grifo, diz contraditoriamente: «não eram, nem são identicos no valor fonetico». Entenda-se isto, que não é tudo. A proposito do *h*, tem essa frase (n. 26, pg. 26, op. cit.) «O *h*, como sinal diacritico, junta-se a *c*, *l* e *n* para designar os sons que as palavras se-

## NOTICIÁRIO

guintes exemplificam: *chave, frecha* (lá vem a calhar o nosso *frecha*) *selha, moinho*. Mas, porque, este *ch* inicial com a evasiva de diacrítico, e sobretudo este *ch* medial, com a mesma desculpa, se «ha mais de dois seculos se confunde no valor fonetico com x»? Não se sabe bem porque. Tanto mais quanto, estudando, adiante, os cinco valores do *x* no idioma comum e literario, tem essa conclusão esmagadora, n. 69, pg 32: «Alem desta multiplicidade de valores, alterna, com relação ao primeiro, com o grupo *ch*, o qual, como já disse, representa *cl, fl, pl*, latinos; assim temos: *xá* (rei) e *clá* (planta), *xeque* (regedor) e *cheque* (bilhete de banco) *buxo*, lat. *buxum* (planta) e *bucho*, lat. *musc'lum* (estomago e musculo) *Bucho, musculo, estomago*: muito parecidos. Por isso resolve aconselhar: «A consulta ao «Vocabulario» é indispensavel ao emprego de qualquer destes dois simbolos, *actualmente equivalentes no valor*. Ora, se *ch* e *x* são «actualmente equivalentes no valor» por que não consignar o «Vocabulario», ao envez das duas formas *flecha* e *frecha*, com *le* e *re*, a unica forma, simplificada pelo uso e justificada pela ciencia do mestre, de *flexa* ou *frexa*? Que é o que impede a adoção do *x* no caso tão simples de equivalencia do *ch*? Nada. Nem a historia, nem a analogia, nem a fonetica. Tudo indica que a escrita de *flexa* deve ser a melhor, no momento. E como entre as divergencias que se nos deparam de *frecha*, ou *flecha*, de *frexa*, ou *flexa*, a mais lida nos modernos é *flexa*, mesmo entre os mais consagrados es-

critores portuguezes da hora, pensamos escolher acertadamente esta grafia, até solução melhor dos estudiosos da materia, para quem apelamos na emergencia. Escrevemos *flexa* por simplicidade grafica, que é a tendencia geral. Por imposição historica, que o proprio Gonçalves Viana justifica, posto não pratique. Por influencia analogica com flexível, flexuoso, flexibilidade, etc, que é lei do menor esforço aceitavel em questões que taes. Enfim, por determinismo fonetico da lingua que falamos no Brasil, onde ninguem diz *freca, flâcha*, senão simples e sonoramente *flexa*. Não queremos preconizar reformas ortograficas. Adotamos, apenas, simplificação gradual, concentanea, logica, com o tempo, que é o mestre de tudo. Não nos deixem, porem, sem a sua palavra os entendidos no assunto. Tenha a palavra Francellino de Andrade. Para estas mesmas colunas. Valeu?



## Livros para o prélo

Helio Simões, Ramayana de Chevalier, Pinto de Aguiar, Eurico Alves, de Cavalcante Freitas estão com livros já prontos para o prélo. São dos nossos. São garantias legitimas de exito. A Bahia figurará com eles brilhantemente no movimento moderno, como já o está com Eugenio Gomes, Godofredo Filho e Pinheiro de Lemos. Principalmente Eugenio Gomes.

## A' passagem do Rei Humberto do humorismo...

### O Imprimatur

Porque coincidissemos com a estadia illustre de Humberto de Campos a feitura nas ultimas demãos de *Arco & Flexa*, fomos levar-lhe as provas de escova, para que fosse o eminente escritor a primeira pessoa autorizada a lêr, ainda em quenturas da forja, a nossa modesta revista. Encontramo-lo na liberal intimidade de amigos, que o festejavam, com as honras a que fazem jús individualidades da sua preeminencia. E' o Rei-Humberto do humorismo nacional. E acolheu-nos com um largo gesto de camaradagem, alta e fina, como de um monarca do talento. Ao seu lado, de pequeninos que somos, sentimos-nos á vontade. Da gentileza do acolhimento á violencia de um

pedido foi um momento. Apresentamo-lhe as provas de *Arco & Flexa*, para a cerimonia solenne de um *Imprimatur*, á maneira fidalga dos censores regios. Rei-Humberto não se fez esperar na consulta das paginas, por alto, mas atento e penetrante, no folhear do volumezinho suspeito. Não eram disfarces de petardo. Mas simples provas tipograficas. E, com firmeza de traços, elegante e gentil, lançou o *Imprimatur*, cujo *fac-simile* estampamos, em folha especial, em homenagem ao grande poeta brasileiro. Estamos, portanto, sob a sanção de quem melhor, no momento, como hospede e como amigo, nos poderia pôr a côbro de censuras e reparos. *Arco & Flexa* sae a lume com a referenda do maior estilista da imprensa moderna do Brasil.

*Imprimatur.*

*Bahia, 17 nov. 1928*

*Humberto de Campos.*

## NOTICIARIO

## Flexaços...

Nós somos justos. Fazemos questão disto. Ninguém nos rouba esse direito. Por isso fomos ao encontro de Hunberto de Campos, logo soubemos que se lhe projectavam homenagens no Instituto Historico. De facto. Havia festa distinta ao brilhante homem de letras. E entendemos de figurar nella. Quem melhor do que Ramayana de Chevalier, para dizer lindos versos, com aquella graça natural dos talentos verdadeiros? Quem melhor do que Helio Simões, para empolgar com os seus ritmos tranquilos de amanhecer, numa toada mansa de místico despretensioso e todavia dominador? Quem melhor do que José de Queiroz Junior, com aquelle ar infantil, mas impressionante de idéas e frases adultas? Emfim, quem melhor do que De Cavalcanti Freitas, para arrebatá, cantando, com tropos de fogo de eloquencia pronta e feliz, mesmo nos mais rapidos improvisos, como o foi aquele, os auditorios mais exigentes de qualquer sala magnifica? Pois foram estes talentos moços de *Arco & Flexa*, que fizeram a fes-

ta do Instituto. No entanto, os noticiaristas que lá os aplaudiram calorosamente, logo ao escrever as suas noticias, rezaram-lhes os nomes, mas suprimiram o titulo de *Arco & Flexa*, bandeira sob qual elles ali, naquela festa, declaradamente annunciada, apareceram. Não admira a sonegação mesquinha, quando, entre reclamos «às tradições gostosas da Petisqueira», numa intencional prova de amesquinhar, Aloysio de Carvalho, o nosso querido Lulú Parola, sibilou o verbo *jazzbandar*, referindo-se a Carlos Chiacchio, de quem, entusiasmado, vibrante, commovido, lhe arrebatou os versos, ainda em prova, pedindo-lhe até o autografo, afim de demonstrar melhor o carinho, a admiração, a sinceridade com que o aplaudia. Certo, se os aplausos do Lulú não foram obra da suggestão dos que explodiram, ruidosamente, naquele instante, deviam de ser leaes. Mas esfriados os impulsos da emoção, appareceu a ponta do despeitozinho surdo, malcreado, desrespeitoso, embora sob o véo da fantasia verbal de um *jazzbandar*, que mais parece perfidia que amizade. Não sabe-

## NOTICIARIO

mos. Chiacchio não gostou. E é capaz de voltar á carga, para perguntar ao Aloysio de Carvalho, que historia *jazzbandida* é uma de *jazzbandar*. Ainda se fosse *quadrupedar*...

### Arco & Flexa no Brasil anecdótico »

Humberto contou-nos uma anedota que não figura no seu «Brasil Anecdótico», mas poderia com brilho nele figurar. E' o caso que, pela morte de Annibal Theophilo, quando na hora do enterramento, ao chorar das despedidas, falava Flexa Ribeiro, dizia a um lado, Emilio de Menezes:

— Quem é esse sujeito, tão cumprido e fino?

— E' o Flexa Ribeiro, chegado ha pouco da Provincia.

— Pois vejam, responde Emilio, numa cerimonia como esta, em que já falaram Olavo Bilac, Coelho Netto e Alberto de Oliveira, por mais *Flexa* que eu fosse... abria o *Arco!*

### A Lenda de D. Sancha

Foi executado com brilho extraordinario o poema sinfonico de Silvio Deolindo Froes, no Rio. Encarregou-se da execução a Sociedade de Concertos Sinfonicos, sob a direção de Francisco Braga. O trabalho de Fróes, já em 1919, fôra ouvido na Bahia, desempenhado por um grupo de artistas. Causou nessa epoca impressão magnifica. E' prova disso a pagina que reproduzimos abaixo, de um cronista do tempo:

LENDA DE D. SANCHA — Estou ainda sob a impressão magnifica da Belleza, que é a LENDA DE D. SANCHA, poema-bailado de DEOLINDO FROES. Foi pela tarde de domingo num cenario de poente em oiro, com torres de convento ás distancias do céu, e uma profunda doçura da natureza ambiente. E, para os meos sentidos acordados no tropel das emoções felizes, aquela audição do trabalho primoroso sob todos os pontos de vista esteticos: da invenção original ao movimento ritmico, da elevação sem deslises ao desenvolvimento musical, toda a peça lirica numa expressão prestigiosa

## NOTICIARIO

do misticismo envolvente das lendas, todo ella remoçou adormidas lembranças para o prazer sem palavras da verdadeira, da perfeita, da suprema Arte dos sons. Wagner disse que a musica atinge a perfeição do sentimento melhor que o verbo humano. Ao ouvir, pois, a pagina descritiva de D. SANCHÁ, onde o grande espirito creador de Deolindo Froes plasmou um mundo de misterio e harmonia, arrancado ao silencio evocativo das coisas idas e vividas, senti que o poder interpretativo do genio musical não está tão longe de realizar o milagre profetizado de Wagner. Bem que se pode dizer toda a Beleza pura na linguagem dos violinos, sem as ajudas das articulações verbaes. Mas quando nesse proposito do encanto e da magia, o som se casa á palavra, qual no poema — balada de D. SANCHÁ, o esplendor das trasfigurações artisticas sóbe, cresce, requinta de fascinação até á graça, até ao extase, até ás lagrimas... Maravilhoso condão de artlsta, que amei nos fremitos divinos de D. SANCHÁ! quem poderá contar senão tu mesmo, naquela plangedora vol-

ta da balada, a sensação do infinito, que ha na saudade sem cura e no abandono sem fim? quem, senão os doces arcos febris dos violinos e as queixas solenes dos violoncelos, em comentarios das resonancias sonoras de sinos das legendas, do tropel medieval dos torneios, e latidos e pragas dos ventos, e soluços e gemidos das coisas? Ouvir a LENDA DE D. SANCHÁ, é reconhecer que a musica vence, sob a energia reveladora de um eleito como Deolindo Froes, o impossivel da expressão perfeita da Beleza. Eu beijo as mãos de Deolindo pelo indefinivel bem que me fez, domingo á tarde, num cenario do poente em oiro, com torres de convento ás distancias do céu...

CARLOS

**Coelho Netto e José Americo**

Começa-se, á boa terra, a valorizaçã da inteligencia nacional. Coelho Netto foi escolhido, para a festa da posse Irigoyen na presidencia argentina, como plenipotenciario do Brasil. Uma justa e consoladora escolha. Agora, sabe-se que o governo João

## NOTICIARIO

Pessôa nomeou, para seu Secretario geral do Estado, a José Americo de Almeida, o celebrado autor da «Bagaceira», livro de rumor literario e enorme, nos ultimos tempos. Vae-se vendo, pois, que de algo vale ter, em qualquer dominio da intelligencia creadora, credenciaes, que se não confundem com a chusma dos cabotinos e cavadores politicos, ou diplomaticos. Coelho Netto e Americo de Almeida são de fileiras extranhas ao turbilhão açambarcador dos comilões de soldo da Republica.

## A "Revista da Cidade",

Recife possui um magazine de luxo: A *Revista dos Cidade*. Bôas imagens. Bôas prosas, Bons versos. E' um espelho de intelligencia e fino gosto. Samuel Campello, Austro-Costa, José dos Anjos e outros nomes brilhantes das letras recifenses, assinam verso se artigos magistraes.

## A revista "Cruzeiro"

Chegaram os primeiros numeros da revista "*Cruzeiro*". Uma esplendida revista. Material e literariamente. Não fosse Carlos

Malheiro Dias o seu director. Carlos Malheiro Dias fez a gloria nova da *Revista da Semana*. E ha de fazer a do *Cruzeiro*. Assim nos demonstra este primeiro numero que é uma garantia de triunfo certo. Arte, pensamento, belleza. Tudo novo, bom, forte. Penas de valor incontestavel, como José Mariano Filho, Pontes de Miranda, Guilherme de Almeida, e outros, firmam paginas excelentes. Um primor em todos sentidos.

## Alberto Valença

Alberto Valença, o laureado artista bahiano, de volta da Europa, aonde fôra em estudos de aperfeiçoamento, fará quarta-feira 21, a sua exposição de pintura, num dos salões da Biblioteca Publica do Estado.

Ha de ser grande orgulho para a Bahia a prova de aproveitamento do artista, que é, sem favor, uma das suas glorias legitimas no dominio das artes plasticas.

Neste primeiro numero, como é natural, saem irregularidades de forma e de fundo, principalmente ortograficas, que serão saneadas no vindouro. Inauguraremos, tambem, no proximo numero, o nosso serviço original de anuncios.

IMPRESSO  
NA  
A NOVA GRAPHICA  
BAHIA



Da